

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

3º BIMESTRE

AUTORIA

CLAUDIA REGINA DO NASCIMENTO

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

Sob a lua num velho trapiche abandonado

NOITE DOS CAPITÃES DA AREIA

Jorge Amado

A grande noite de paz da Bahia veio do cais, envolveu os saveiros, o forte, o quebra-mar, se estendeu sobre as ladeiras e as torres das igrejas. Os sinos já não tocam as ave-marias que as seis horas há muito que passaram. E o céu está cheio de estrelas, se bem a lua não tenha surgido nesta noite clara. O trapiche se destaca na brancura do areal, que conserva as marcas dos passos dos Capitães da Areia, que já se recolheram. Ao longe, a fraca luz da lanterna da Porta do Mar, botequim de marítimos, parece agonizar. Passa um vento frio que levanta a areia e torna difíceis os passos do negro João Grande, que se recolhe. Vai curvado pelo vento como a vela de um barco. É alto, o mais alto do bando, e o mais forte também, negro de carapinha baixa e músculos retesados, embora tenha apenas treze anos, dos quais quatro passados na mais absoluta liberdade, correndo as ruas da Bahia com os Capitães da Areia. Desde aquela tarde em que seu pai, um carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou à pequena casa do morro. Na sua frente estava a cidade misteriosa, e ele partiu para conquistá-la. A cidade da Bahia, negra e religiosa, é quase tão misteriosa como o verde mar. Por isso João Grande não voltou mais. Engajou com nove anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de se arriscar. Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que os maiores faziam para planejar os furtos. Não que fosse um bom organizador de assaltos, uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo, como ficava também quando via alguém fazendo maldade com os menores. Então seus músculos se retesavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera temido.

O Sem-Pernas dizia dele:

—Este negro é burro mas é uma prensa...

E os menores, aqueles pequeninos que chegavam para o grupo cheios de receio tinham nele o mais decidido protetor. Pedro, o chefe, também gostava de ouvi-lo. E João Grande bem sabia que não era por causa da sua força que tinha a amizade do Bala. Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:

— Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você — e batia pancadinhas na perna do negro, que ficava encabulado. João Grande vem vindo para o trapiche. O vento — quer impedir seus passos e ele se curva todo, resistindo contra o vento que levanta a areia. Ele foi à Porta do Mar beber um trago de cachaça com o Querido-de-Deus, que chegou hoje dos mares do sul, de uma pescaria. O Querido-de-Deus é o mais célebre capoeirista da cidade. Quem não o respeita na Bahia? No jogo de capoeira de Angola ninguém pode se medir com o Querido-de-Deus, nem mesmo Zé Moleque, que deixou fama no Rio de Janeiro. O Querido-de-Deus contou as novidades e avisou que no dia seguinte apareceria no trapiche para continuar as lições de capoeira que Pedro Bala, João Grande e o Gato tomam. João Grande fuma um cigarro e anda para o trapiche. As marcas dos seus grandes pés ficam na areia, mas o vento logo as destrói. O negro pensa que nessa noite de tanto vento são perigosos os caminhos do mar.

João Grande passa por debaixo da ponte — os pés afundam na areia — evitando tocar no corpo dos companheiros que já dor mem. Penetra no trapiche. Espia um momento indeciso até que nota a luz da vela do Professor. Lá está ele, no mais longínquo canto do casarão, lendo à luz de uma vela. João Grande pensa que aquela luz ainda é menor e mais vacilante que a da lanterna da Porta do Mar e que o Professor está comendo os olhos de tanto ler aqueles livros de letra miúda. João Grande anda para onde está o Professor; se bem durma sempre na porta do trapiche, como um cão de fila, o punhal próximo da mão, para evitar alguma surpresa.

Anda entre os grupos que conversam, entre as crianças que dormem, e chega para perto do Professor. Acocora-se junto a ele e fica espiando a leitura atenta do outro.

João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heroicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. Pedro Bala nada resolvia sem o consultar e várias vezes foi a imaginação do Professor que criou os melhores planos de roubo. Ninguém sabia, no entanto, que um dia, anos passados, seria ele quem haveria de contar em quadros que assombrariam o país a história daquelas vidas e muitas outras histórias de homens lutadores e sofredores. Talvez só o soubesse Don'Aninha, a mãe do terreiro da Cruz de Opô Afonjá, porque Don'Aninha sabe de tudo que Já lhe diz através de um búzio nas noites de temporal.

João Grande ficou muito tempo atento à leitura. Para o negro aquelas letras nada diziam. O seu olhar ia do livro para a luz oscilante da vela, e desta para o cabelo despenteado do Professor. Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente:

— Bonita, Professor?

Professor desviou os olhos do livro, bateu a mão descarnada no ombro do negro, seu mais ardente admirador:

—Uma história zorreta, seu Grande — seus olhos brilhavam.

—De marinheiro?

—É de um negro assim como tu. Um negro macho de verdade.

—Tu conta?

—Quando findar de ler eu conto. Tu vai ver só que negro... E voltou os olhos para as páginas do livro. João Grande acendeu um cigarro barato, ofereceu outro em silêncio ao Professor e ficou fumando de cócoras, como que guardando a leitura do outro.[...]

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O texto gerador I é um trecho transcrito do romance lançado em 1937, que não perdeu sua atualidade, pois a narrativa aborda temas que levam o leitor a refletir sobre a vida urbana dos meninos pobres e infratores, figuras presentes e em número crescente no momento em que vivemos. Durante a leitura, podemos notar que, ao escrever, o autor promove certa intimidade entre o leitor e os personagens. Em relação ao personagem João Grande, identifique a opção que melhor descreve a maneira como o narrador nos apresenta o personagem.

- a) João Grande era forte e agressivo e, por isso, era respeitado por todos.
- b) Não era inteligente, mas valorizava a literatura. Era temido por sua força e amado por sua generosidade.

Habilidade trabalhada

Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito de conteúdo.

Resposta comentada

As pistas do texto que levam ao conjunto da caracterização do personagem podem ser identificadas em grande parte do trecho e demonstram a elaboração do perfil de um João Grande

que quebra expectativas do senso comum: o poder e o respeito ligados à força, a falta da inteligência ligada à negação da leitura, por exemplo. Ao responder essa questão, o aluno vai refletir sobre esse conteúdo prévio para inferir que o conteúdo do texto promove uma leitura que o levará a marcar o item **B**.

QUESTÃO 2

Retorne à leitura do trecho de *Capitães da Areia*, bem na parte em que João Grande dá atenção à leitura do Professor e os dois conversam. Pelo contexto, que significado poderia ter a palavra “*zorreta*”?

Habilidade trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta comentada

O aluno deverá inferir que a palavra em foco sugere um significado positivo, pois o contexto anuncia essa hipótese, uma vez que João Grande gostou da resposta do Professor - - *seus olhos brilhavam*, ficou entusiasmado e curioso. Assim, o aluno pode listar adjetivos, como: boa, interessante, empolgante. Seria interessante o professor mostrar um possível significado encontrado num glossário da web: zorreta = gíria, possível união de zorra (pessoa astuta, traiçoeira, como uma raposa) + porreta (bom, excelente).

QUESTÃO 3

A partir da leitura, podemos identificar no texto a presença de um narrador observador que, ao descrever os personagens, destaca suas atitudes e menciona as práticas de roubo, demonstrando um ponto de vista, que seria:

- a) Criticar as práticas dos personagens, que são ladrões.
- b) Ironizar a estrutura organizada de um grupo social que vive do roubo.

- c) Evidenciar a marginalidade existente no grupo, evocando o julgamento do leitor.

Habilidade trabalhada

Identificar o ponto de vista do narrador.

Resposta comentada

A partir do momento que temos um narrador afastado, notadamente sua atitude será a de evidenciar alguns pontos. A ideia é levar os alunos a perceberem que o narrador não julga, mas a maneira como conduz as descrições envolve o leitor num campo de julgamentos, pois remete aos padrões sociais de legalidade. O certo não é ser ladrão, mas naquele grupo, o certo é ser um ladrão competente, capaz de elaborar estratégias de roubo, num grupo organizado hierarquicamente com reuniões de planejamento e fins determinados, de cujo sucesso depende a sobrevivência e a convivência. Nesse meio ilegal, o certo também é ser boa pessoa, respeitar o sono dos outros, ter limites, defender os fracos como padrão de justiça e solidariedade. Segundo essas observações, os alunos deverão notar que o item **C** apresenta a resposta correta, já que em **A**, quem critica, julga e, em **B**, quem ironiza, julga. Isso diferencia os itens.

ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 4

Sabemos que as personagens são elementos importantes na estrutura de um romance. Vamos escrever em grupo experimentando o aprofundamento das tramas vividas pelos personagens do romance de Jorge Amado, citados no texto gerador I. A proposta é usar a criatividade para contar a trajetória de cada um deles até chegarem ao grupo Capitães da Areia, ampliando o conhecimento do leitor a respeito do universo dos personagens. Considere os outros elementos da narrativa, como o tempo e o espaço na hora de contar sobre a vida dos personagens antes de se agruparem.

Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Resposta comentada

Para conduzir essa proposta, o professor pode relacionar no quadro os nomes dos personagens citados no texto gerador I e sorteá-los entre os alunos, formando grupos que escreverão sobre o personagem indicado no sorteio. Trata-se de uma proposta lúdica, de escrita criativa e coletiva, com a qual os alunos poderão se divertir contando com suas próprias experiências de leitura de mundo. A ideia pode estimular a leitura do romance em estudo de modo que ela ocorra depois dessa atividade. Na avaliação do texto, o professor deve identificar uma relação de coerência temporal e espacial entre o texto dos alunos e o trecho do romance. É importante a releitura das informações sobre os personagens. Seria relevante o professor instruir os alunos na montagem de um quadro com transcrições de trechos que se relacionam com o personagem sorteado para o grupo. Após a escrita e a revisão dos textos dos alunos, cabe uma apresentação oral do grupo para a turma. Como desdobramento, podem-se montar cartazes com a produção para expor o material. Depois, a leitura da obra original será surpreendente.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 28-31.

CORTEZ, Suzana Leite. **Referenciação e construção do ponto de vista**. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000290953&fd=y> Acesso: 10 set 2013.

Orientações Pedagógicas

<http://projetoeduc.cecierj.edu.br/ava22/mod/resource/view.php?id=9340>

http://www.conexao professor.rj.gov.br/downloads/cm/cm_11_9_9A_2.pdf

http://www.conexao professor.rj.gov.br/downloads/cm/cm_11_9_9A_3.pdf

Verbetes: zorreta. Disponível em: <http://glossariandocomvoce.blogspot.com.br/2013/08/ii-iv.html> acesso: 08 set 2013.